



“COISA DE NÊGO”: MEMÓRIA E COTIDIANO SOBRE OS CAPOEIRAS EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS (1937-1950)

Mércia Maria Barbosa Oliveira de Menezes¹

RESUMO: *O presente artigo tem por objetivo estudar o cotidiano e a memória dos capoeiras em Santo Antonio de Jesus, entre os anos de 1937-1950. Sendo assim, analisaremos as experiências e trajetória desses sujeitos, bem como as identidades por estes assumidas na cidade.*

Palavras-chave: Memória; Cotidiano; Identidade

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende estudar o cotidiano e a memória sobre os capoeiras em Santo Antônio de Jesus, cidade localizada no Recôncavo Sul da Bahia, entre os anos de 1937-1950. Ao discutir sobre a capoeira e todas as imbricações históricas que circunscrevem a prática da capoeiragem, é impossível não falarmos, como já foi bem colocado por muitos autores que estudaram o tema, que a mesma se constitui um legado cultural das populações afro-brasileiras. Estas que conseguiram através de táticas cotidianas manter a capoeiragem até os dias atuais. Segundo Josivaldo de Oliveira, que estudou o cotidiano dos capoeiras na cidade de Salvador, nas primeiras décadas do século XX,

a capoeira como objeto de estudo dos historiadores não data de muito tempo. Os primeiros a se preocuparem com este tema foram os literatos [...]. Apenas na década de 1980 é que os historiadores despertam interesse pelos estudos da capoeiragem.²

Nesse sentido, percebemos que os estudos com relação às camadas subalternas, neste caso em particular, a capoeira, somente adquiriu visibilidade a partir do final do século XX. Sendo assim, torna-se evidente que a prática da capoeiragem passou por várias transformações, a depender do contexto histórico em que estava inserida. Deste modo, a partir da leitura de algumas obras, dissertações e artigos foi possível identificar que os estudos relacionados à capoeira tratam de aspectos referentes à historicidade da capoeira (como esta se desenvolveu e se constituiu como elemento de resistência das populações negras), o universo da criminalidade que estava circunscrito aos capoeiras, sobretudo nas primeiras décadas do período republicano, e as relações que eram estabelecidas entre os “valentes”³ e as autoridades políticas. Ao percebermos

¹ Graduanda do curso de História da Universidade do Estado da Bahia; Monitora de Ensino, da Disciplina de África: Estudos históricos e Cultura africana, ministrada pelo Professor Denílson Lessa dos Santos; Integrante do Afroneb: Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Africanos, da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: melcapoeira@hotmail.com. Autora do presente artigo, que tem como Orientador o Professor Denílson Lessa dos Santos.

² OLIVEIRA, J.P. de. *Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937)*. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA, Salvador: UFBA, 2004, p. 23.

³ Essa denominação é utilizada pelo autor Josivaldo Oliveira, que ao longo da sua narrativa utiliza e expressão “capoeiragem” para definir os capoeiras, que desde períodos antes aos anos 30, já eram assim chamados. Sobre



como os autores abordam o tema da capoeira em suas obras, foi possível identificar, que os mesmos, ao tratarem do cotidiano dos capoeiras, tecem discussões que geralmente se direcionam para os aspectos antes sinalizados no parágrafo anterior (história da capoeira, criminalidade e relações políticas). Além das abordagens históricas acerca da capoeira, existem também obras que discutem aspectos da capoeira enquanto dança, luta, esporte ou arte.⁴ Assim sendo, importamos saber, diferentemente das abordagens já discutidas por vários autores, quem foram estes sujeitos, para além de serem capoeiras, neste estudo em específico, na cidade de Santo Antônio de Jesus, entre os anos de 1937-1950. Como se comportavam esses sujeitos nos momentos em que não vivenciavam a capoeiragem? Quais eram suas outras atividades e experiências, para além do “mundo da capoeira”?

Nessa perspectiva, é possível afirmar a partir da problemática em questão, que estes sujeitos adquiriam outras funções e/ou ocupações que os identificavam para além de serem capoeiras, eram feirantes, carregadores, pedreiros, chefes de família, estudantes, que ora, assumiam sua identidade de capoeira, ora preferiam serem vistos como simples indivíduos inseridos na sociedade santoantoniense. Outra questão a ser pensada, é que a partir de 1937, quando a capoeira deixa de ser considerada crime e passa a ser reconhecida como esporte, “os agentes da desordem”, os capoeiras, que antes eram reprimidos nas ruas, passam também a serem reconhecidos como agentes culturais, pois deixa de ser a capoeiragem, uma prática de vagabundos, vadios e negros para ser encarada como herança dos povos africanos e como esporte, símbolo da nacionalidade brasileira.⁵

Todavia, não seria imediatamente, a partir do ano de 1937, que os capoeiras seriam admitidos como agentes culturais das ruas, uma vez que a capoeiragem era fortemente combatida pelas elites locais, pelos agentes policiais e até mesmo pela população subalterna da época. O cotidiano dos capoeiras estaria ainda permeado por discriminação, sendo estes vistos com “maus olhos” na sociedade.⁶ Portanto, este estudo tem como objetivo principal, analisar o cotidiano dos capoeiras, em meio ao discurso de modernização⁷ e das idéias republicanas de cidadania colocadas entre os anos de 1937-1950 em Santo Antônio de Jesus, pois a partir da análise de como eram vivenciadas as experiências desses sujeitos, será possível discutir quais as identidades assumidas pelos capoeiras na cidade, bem como analisar como os capoeiras territorializavam os espaços na sociedade santoantoniense.

Estudar o cotidiano dos capoeiras, tendo como recorte espacial a cidade de Santo Antônio de Jesus, explica-se por a mesma estar vivenciando um processo de mudanças desde os anos

melhor detalhamento dessa questão ver OLIVEIRA, J.P. de. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2005.

⁴ Ver COUTINHO, Daniel. *O ABC da Capoeira Angola: os manuscritos de Mestre Noronha*. Brasília: DEFER; Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira (CIDOCA/ DF), 1993; SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. SALOMÃO, Waly; CALDAS, Maria Vitória de Seixas (Org.). Rio de Janeiro: Manati, 2002; VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo da capoeira*. 2. ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.

⁵ Ver OLIVEIRA J. P. de. Op. cit.

⁶ É importante ratificar que o presente artigo encontra-se em fase inicial, contudo foi já possível identificar alguns perfis dos sujeitos em análise.

⁷ Sobre essa questão ver LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se...: idéias de civilização e cenas de antivilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador 1912 – 1916*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996.



finais do século XIX, até as últimas décadas do século XX.⁸ A partir dessas mudanças, é importante que analisemos como as relações de sociabilidade eram estabelecidas no cotidiano dos capoeiras. Relações estas que acreditamos serem peculiar à vida de cada indivíduo e que não estavam restritas apenas às estratégias de sobrevivência ou à prática da capoeiragem. Nesse sentido, é importante que levemos em conta, que o cotidiano dos capoeiras constitui-se dos mais variados aspectos, como o ser homem e/ou o ser mulher, ser o pai de família, o trabalhador, entre outros, pois o universo da capoeiragem era permeada, sobretudo, por homens pobres, negros, mestiços que estavam inseridos na sociedade, e que apesar das adversidades, ambicionavam mudanças e transformações que pudessem reconhecê-los como cidadãos.

A corrida em busca da modernização estava sendo uma realidade vivida pelas cidades brasileiras que “experimentavam” transformações políticas, econômicas, sócio-culturais, e até mesmo novas formas de percepção da realidade vivida pelas pessoas. Sendo assim, a relevância deste trabalho está na importância dada ao cotidiano dos capoeiras, enfocando como as experiências de vida, para além da capoeiragem, foram vivenciadas por estes sujeitos, levando-se em consideração as mudanças ocorridas na cidade de Santo Antônio de Jesus, bem como a sua capacidade de adaptação a essas transformações.

A escolha do recorte temporal (1937-1950) justifica-se em função de que neste período, ocorreram modificações estruturais tanto para a capoeira, quanto para a sociedade santoantoniense. Em 1937, foi o ano em que a capoeira deixou de ser criminalizada e passou a ser considerada como esporte. “[...] foi 1937, ano em que a capoeira permeada por símbolos étnicos, de nacionalidades e sua prática descriminalizada transformou-se em esporte [...]”.⁹ E a década de 1950, foi o período de mudanças no processo de modernização da sociedade de Santo Antônio de Jesus, que apoiadas no discurso do ideal de civilização, as autoridades políticas e as elites locais, pretendiam um futuro baseado no desenvolvimento urbano e acelerado da cidade.

A criação de uma nova feira livre, no ano 1948, ratifica essa idéia de modernização do município, como é muito bem colocado por Hamilton R. Santos, em seu trabalho sobre a feira livre de Santo Antônio de Jesus:

A imprensa escrita, por exemplo, demonstra o importante lugar dessa linguagem na construção de percepção a respeito da urbe. Nesses documentos, numa leitura a contrapelo, foi possível perceber algumas tensões vividas por alguns grupos sociais, as intervenções em dimensões da vida pública e privada, a conexão de lugares, as disputas de território, as representações da cidade, abrindo brechas a pensar nos diversos modos de viver e pensar o urbano.¹⁰

Nessa perspectiva, percebemos como a dinâmica social santoantoniense se (re) configurava, a partir do arquétipo de progresso e de transformações, sobretudo no espaço urbano, território que seria demarcado através do poder, sobretudo dos grupos abastados da cidade.

⁸ Ver respectivamente, LESSA, Andréa Ribeiro da Silva. *Moças Abusadas: concepções de honra e conflitos amorosos em Santo Antonio de Jesus – Bahia, 1890-1940*. Santo Antonio de Jesus: [s.n], 2007; SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. *Vidas nas Fronteiras: práticas sociais e experiências de feirantes no Recôncavo Sul da Bahia: Santo Antonio de Jesus 1948-1971*. Santo Antonio de Jesus: [s.n], 2007.

⁹ REIS, 1998 *Apud* OLIVEIRA, 2004, p. s/n.

¹⁰ SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. *Vidas nas Fronteiras: práticas sociais e experiências de feirantes no Recôncavo Sul da Bahia: Santo Antonio de Jesus 1948-1971*. Santo Antonio de Jesus: [s.n], 2007, p. 23.



Sendo assim, como estariam inseridos na sociedade, os capoeiras, considerados até segunda metade do século XX, mesmo após a legalização da capoeira, como “nêgo” (negro), “vadios” e “malandros, numa sociedade que se pretendia “moderna e evoluída”?

Desta forma, ao sinalizarmos algumas lacunas (de ordem interpretativa) referentes às abordagens feitas sobre o tema da capoeira, pretendemos contribuir para a historiografia contemporânea, que problematiza os sujeitos subalternos e as suas experiências cotidianas. A fim de reconhecer as relações e os processos históricos construídos e vivenciados por estes sujeitos. Nesse sentido, acreditamos na relevância desta pesquisa para a comunidade acadêmica e científica, uma vez que estão sendo problematizadas questões relativas à sociedade santoantoniense, até então pouco exploradas.

Diante das discussões acerca do processo de modernização e do ideal de civilização (principalmente, na mudança de mentalidade dos sujeitos) almejados, sobretudo, pelas elites locais de Santo Antônio de Jesus, estabelecemos a seguinte problemática para essa pesquisa: como os capoeiras eram identificados e compreendidos nessa sociedade, para além da perseguição e dos discursos de criminalização na sua vida cotidiana. Além disso, interessa-nos também investigar, como estes capoeiras estavam inseridos nessa sociedade, à medida que os mesmos buscavam territorializar os seus espaços, em meio ao discurso de modernização da cidade.

SOBRE UMA NOVA ABORDAGEM DA CAPOEIRA

Para entendermos como era pensado o universo dos capoeiras, foi necessário o estudo de algumas obras referentes à temática. Inicialmente, foram feitas leituras de dissertações, artigos entre outros que tratavam sobre a capoeira. Também foram realizadas leituras de alguns trabalhos (monografias e dissertações) que abordavam sobre o contexto histórico de Santo Antônio de Jesus entre meados e as últimas décadas do século XX.

Entretanto, para a discussão bibliográfica deste trabalho foram utilizadas três obras referentes ao tema, o artigo de Adriana Dias, “Os fiéis da navalha”, a dissertação de Mestrado, de Josivaldo Oliveira, “Pelas ruas da Bahia” e a obra de Heloisa Bruhns, “Futebol, Carnaval e Capoeira”. O primeiro, trata do cotidiano dos capoeiras no início do século XX, na cidade do Salvador, no qual a autora aborda o universo da capoeiragem a partir da vida do capoeirista “Pedro Mineiro”. Através da vida desse capoeira, a mesma se propõe a discutir as estratégias de sobrevivência, os costumes e o comportamento desses sujeitos sociais.

“Gatunos”, “capadócius”, “criminosos” e “facínoras”, assim eram chamados e conhecidos os capoeiras, segundo a autora, além de também serem conhecidos como causadores da desordem. Na verdade, Dias irá discutir, entre outros aspectos, a dupla identidade que está atrelada à “figura” dos capoeiras, pois ao mesmo tempo em que estes se comportam como transgressores da lei, “valentões” e desordeiros, atuam como funcionários e capangas de delegados, políticos e outros indivíduos influentes da sociedade. Tecendo uma análise minuciosa dessa questão, a autora questiona a atuação desses sujeitos: desordeiros ou mantenedores da ordem?



É através da análise de documentos como jornais, processos-crimes e correspondências, sobretudo, acerca da vida de Pedro Mineiro, que Dias irá abordar como funcionava esse “jogo” de incoerências que permeava o universo da ordem (polícia) e da desordem (capoeiras). Outro aspecto importante trabalhado no texto é o universo comum entre os capoeiras e os marinheiros. A partir de características comuns entre esses dois sujeitos, a autora discutirá diversos aspectos do cotidiano da marinagem e da capoeiragem. Pois, muitos dos capoeiras já tinham sido marujos, através do recrutamento militar, que obrigavam os capoeiras, considerados sublevadores da ordem, à servirem as forças armadas.

Costumes como bebedeiras, promiscuidade, envolvimento com prostitutas, sexo e brigas faziam parte do cotidiano dos marinheiros e da capoeiragem, o lenço e, sobretudo, a navalha se constituíam como objetos comuns e de múltiplos significados para ambos os sujeitos. Dessa forma, a abordagem de Adriana Dias possibilita refletir acerca da construção desse universo dos capoeiras, que era caracterizado através de estratégias de resistência e conchavos políticos que articulavam o mundo de sobrevivência desses sujeitos a partir do século XX.

Nessa perspectiva, pensar o universo da capoeiragem permeado pela idéia de criminalização e marginalidade, nos possibilita repensar como este tema vem sendo abordado pelos autores, que na maioria das suas obras, privilegiam o estudo atrelado à perseguição dos capoeiras. Dessa forma, a partir das abordagens realizadas pelos autores aqui discutidos, entre outros, foi possível refletir sobre outros aspectos que circunscrevem a vida dos capoeiras, como por exemplo, o seu cotidiano. Ao estudarmos e analisarmos as obras que tratam sobre a capoeiragem, foram suscitados muitos questionamentos acerca de como se delineava as vivências e as experiências cotidianas desses sujeitos em análise. Sendo assim, o estudo do cotidiano dos capoeiras em Santo Antônio de Jesus, ratifica e provoca a questão, de como esses capoeiras eram identificados e compreendidos no seu cotidiano, dissociados da idéia de marginalização e criminalização.

O autor Josivaldo Pires também discute o cotidiano dos capoeiras na cidade de Salvador, entre os anos de 1912-1937. Antes de tratar especificamente do tema, o autor aborda as dificuldades para se desenvolver a pesquisa, principalmente, as dificuldades com relação à documentação do período estudado (1912-1937), pois, diferentemente do Rio de Janeiro, onde as documentações fazem referências diretas aos capoeiras, ou seja, chama-os de capoeiras, na Bahia as documentações encontradas nem sempre distinguem os capoeiras de outros indivíduos. Sendo assim, a identificação de termos como “valentões”, “capadócius”, “bambas” e “navalhistas”, entre outros, se faz necessário para a captação de fontes e o estudo do tema.

Após discutir as questões metodológicas, Oliveira abordará como se articulava o cotidiano dos capoeiras circunscritos à criminalidade, que era quase sempre atribuída aos praticantes da capoeiragem. Nesse sentido, percebemos como o trabalho do autor pode nos auxiliar e servir de embasamento para direcionarmos tanto a metodologia quanto a temática. Pois o autor, à medida que apresenta o tema, também discute como foi desenvolvida a metodologia para chegar a determinadas conclusões.



Sendo assim, “O ABC da Capoeira Angola”, de Daniel Coutinho, conhecido popularmente como Mestre Noronha, foi uma das obras que auxiliou o autor nessa empreitada¹¹. A obra, na verdade, são manuscritos sobre capoeiras baianos, no qual o autor, entre outros assuntos, aborda sobre vários fatos políticos ocorridos no período da Primeira República brasileira, o que possibilitou a Oliveira cruzar fontes, esclarecer alguns acontecimentos do período estudado, confrontar informações (notícias de jornais) e utilizar documentações judiciárias e policiais. O autor também ressalta que para a classificação da documentação foi utilizado o “paradigma indiciário”, orientado a partir dos estudos de “cultura popular” na Europa, do autor Carlo Ginzburg¹².

A intenção do autor neste trabalho é investigar, através das fontes, como os capoeiras vivenciavam o seu cotidiano nas ruas da cidade do Salvador entre 1912-1937. Nesse período, segundo a documentação analisada, o universo dos capoeiras estava “marcado” pela criminalidade. A obra de Oliveira se constitui numa discussão “riquíssima”, não somente com relação à temática, mas na orientação da pesquisa histórica, que deve ser empreendida por todo historiador, para desenvolver a sua pesquisa.

Oliveira destaca o interesse pelos estudos da capoeiragem na Bahia, e discute a abordagem da capoeira a partir da História Social, o que de certa forma, nos possibilita pensarmos para que perspectiva histórica o nosso trabalho será direcionado. Outro aspecto interessante trabalhado por Oliveira, é “a constituição de territórios sociais e o exercício de poder nas relações cotidianas nas camadas populares [...]”.¹³ O mesmo discute como esse poder se refletia na demarcação de territórios entre os capoeiras. Por fim, o autor aborda como se articulava a relação dos capoeiras com o poder público na Bahia republicana, destacando a presença dos capoeiras no II Congresso Afro-brasileiro realizado 1937, ano de mudanças para os capoeiras, que adquiriram visibilidade nos jornais, pois a capoeira além de ser descriminalizada, passa a ser considerada como esporte.

Deste modo, tanto Dias como Oliveira, possibilitaram uma compreensão de como se configurava o cotidiano dos capoeiras. Pois, ambos os autores trabalham na perspectiva das experiências e das estratégias de resistência vividas pelos capoeiras. Para o caso de Santo Antônio de Jesus, como já foi sinalizado anteriormente, o estudo dos capoeiras se configurará a partir do seu cotidiano, todavia a perspectiva de abordagem desse cotidiano não estará atrelado ao universo da valentia, das brigas e da criminalidade, mas das vivências e experiências desses capoeiras enquanto pais de família, estudantes, feirantes, entre outras funções.

Já a obra de Heloisa Bruhns, discute alguns aspectos do processo histórico da capoeiragem. A autora, no capítulo em que aborda sobre a capoeira, analisa três momentos históricos que modificam as representações da capoeira: a sua criminalização entre o período de 1890 a 1930; a sua legalização na década de 1930; sua institucionalização como esporte oficial na década de 1970. A partir desses três marcos históricos da capoeira, Bruhns discute como se

¹¹ Ver COUTINHO, Daniel. *O ABC da Capoeira Angola: os manuscritos de Mestre Noronha*. Brasília: DEFER; Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira (CIDOCA/ DF), 1993.

¹² Citado em OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2005.

¹³ OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2005.



(re) configurou a capoeira, elencando alguns acontecimentos acerca da perseguição aos capoeiras, à notoriedade adquirida pela capoeira Angola e pela capoeira Regional e o reconhecimento oficial da capoeiragem como esporte. Assim sendo, as abordagens realizadas acerca da capoeira, foram de suma importância para a construção do presente trabalho, pois nos possibilitou pensar universo da capoeiragem, bem como, definirmos o recorte temporal aqui delimitado.

Ao pensar o cotidiano dos capoeiras na cidade de Santo Antônio de Jesus, somos levados a refletir sobre a possibilidade de reconstituição dos espaços sociais que os capoeiras percorreram. Da mesma forma que somos instigados a refletir como esses capoeiras eram vistos pelos moradores da cidade, uma vez que apoiadas no discurso do ideal de civilização, as autoridades políticas e as elites locais tinham o interesse de manter a urbe organizada, sem a presença de malandros, vadios e negros.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Segundo Oliveira (2006), que estudou os capoeiras na Bahia, no período republicano, entre os anos de 1912-1937, muitas teorias racialistas da época, que problematizavam as questões referentes à cultura africana, sobretudo as religiões de matriz africana, influenciaram fortemente as autoridades políticas e a elite, que atribuíam a criminalidade como característica inerente à natureza humana de negros e mestiços. A partir de tais influências, o controle das ruas e a repressão aos batuques, aos candomblés, as rodas de capoeiras e os sambas, foram fortemente reforçados pelas autoridades policiais, sendo abusivamente reprimidas todas as práticas e costumes de matriz africana. Esse pensamento do autor, nos dá uma idéia de como eram vistos os capoeiras nas ruas da Bahia republicana, da mesma forma que podemos pensar Santo Antônio de Jesus, haja vista que a cidade se insere neste mesmo contexto de ideários modernizadores.

Pensar a memória coletiva de um grupo, partindo dos próprios aspectos ambivalentes da mente humana, que são permeados por lembranças e esquecimentos, permite ao historiador questionar e interpretar os silêncios e/ou as revelações dessa memória, que podem ser lembradas através de experiências individuais ou coletivas. Portanto, a partir da identificação de alguns “antigos” moradores residentes na cidade, pretendemos reconstituir o cotidiano dos sujeitos dessa pesquisa. Para a identificação dos depoentes, foi feita a intermediação de amigos e colegas residentes e nascidos na cidade, e também através de sugestões dos próprios depoentes. Sendo assim, serão entrevistadas pessoas não praticantes da capoeiragem, a fim de problematizarmos o cotidiano dos capoeiras, a partir da dimensão dos indivíduos que testemunharam como a capoeira era vista, e que também opinaram sobre a mesma, pois possuíam suas convicções e posturas sobre essa prática e sobre os sujeitos nela envolvidos.

É importante ressaltar que os entrevistados são pessoas de diversas camadas sociais da sociedade. Ou seja, alguns dos depoentes são pessoas que pertencem ou que pertenceram à camadas sociais mais abastadas da época, o que possibilitará uma visão diferenciada, das camadas ditas “populares” da cidade, haja vista que para a temporalidade estudada, a idéia de separação entre camadas abastadas e subalternas era fortemente reforçada por questões raciais,



financeiras, e morais.¹⁴ Alguns ex- capoeiristas também serão entrevistados, muitos destes poderão se reportar às memórias de seus pais, avós, entre outros, do mesmo modo que outros entrevistados poderão recorrer à memória de seus parentes. Nesse sentido, o recorte temporal da pesquisa não deve ser entendido como inflexível, por compreendermos que a memória é fluída na dinâmica do tempo histórico.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FERREIRA Marieta de M. (Orgs.). **Usos e Abusos da história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

COUTINHO, Daniel. **O ABC da Capoeira Angola: os manuscritos de Mestre Noronha**. Brasília: DEFER; Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira (CIDOCA/ DF), 1993.

DIAS, Adriana Albert. **Os “fiéis” da navalha: Pedro Mineiro, capoeiras, marinheiros e policiais em Salvador na República Velha**. In: Revista Afro-Ásia. Salvador: CEAO/UFBA, n. 27, 2005.

LESSA, Andréa Ribeiro da Silva. **Moças Abusadas: concepções de honra e conflitos amorosos em Santo Antonio de Jesus – Bahia, 1890-1940**. Santo Antonio de Jesus: [s.n], 2007.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937)**. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA, Salvador: UFBA, 2004.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2005.

SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. **Vidas nas Fronteiras: práticas sociais e experiências de feirantes no Recôncavo Sul da Bahia: Santo Antonio de Jesus 1948-1971**. Santo Antonio de Jesus: [s.n], 2007.

¹⁴ Ver LESSA, Andréa Ribeiro da Silva. *Moças Abusadas: concepções de honra e conflitos amorosos em Santo Antonio de Jesus – Bahia, 1890-1940*. Santo Antonio de Jesus: [s.n], 2007.